

**CARL R.
TRUEMAN**

EM DEFESA DA **ver**
dade

A TEOLOGIA
TRINITÁRIA DE
JOHN OWEN


VIDA NOVA

Sumário

<i>Reduções gráficas</i>	9
<i>Prefácio à segunda edição</i>	11
<i>Prefácio à primeira edição</i>	15
1. Owen em contexto	19
2. Princípios de teologia	61
3. A doutrina de Deus	111
4. A pessoa e a obra de Cristo	155
5. A natureza da satisfação	199
6. O homem que não estava lá.....	225
Apêndice 1: O papel da teleologia aristotélica na doutrina da expiação de Owen.....	231
Apêndice 2: Owen, Baxter e o tríplice ofício	239
<i>Bibliografia</i>	245
<i>Índice remissivo</i>	261

Reduções gráficas

<i>ANF</i>	<i>Ante-Nicene Fathers</i>
<i>BSABR</i>	<i>Bibliotheca Sacra and American Biblical Repository</i>
<i>CD</i>	<i>Barth, Church dogmatics</i>
<i>CH</i>	<i>Church History</i>
<i>CO</i>	<i>Opera Calvini</i>
<i>CTJ</i>	<i>Calvin Theological Journal</i>
<i>DLGTT</i>	Muller, <i>Dictionary of Latin and Greek theological terms</i> [publicado em português por CPAD sob o título <i>Dicionário de termos teológicos latinos e gregos</i>]
<i>EQ</i>	<i>Evangelical Quarterly</i>
<i>HTR</i>	<i>Harvard Theological Review</i>
<i>JEH</i>	<i>Journal of Ecclesiastical History</i>
<i>JHI</i>	<i>Journal of the History of Ideas</i>
<i>JMRS</i>	<i>Journal of Medieval and Renaissance Studies</i>
<i>NAKG</i>	<i>Nederlands Archief voor Kerkgeschiedenis</i>
<i>NCE</i>	<i>New Catholic Encyclopedia</i>
<i>NPNF</i>	<i>Nicene and Post-Nicene Fathers</i>
<i>PRRD1</i>	Muller, <i>Post-Reformation reformed dogmatics 1</i>
<i>PRRD2</i>	Muller, <i>Post-Reformation reformed dogmatics 2</i>
<i>RC</i>	Catecismo Racoviano (edição de 1818)
<i>SCJ</i>	<i>Sixteenth Century Journal</i>
<i>SJT</i>	<i>Scottish Journal of Theology</i>
<i>ST</i>	Tomás de Aquino, <i>Suma de teologia</i>
<i>CFW</i>	Confissão de Fé de Westminster
<i>WTJ</i>	<i>Westminster Theological Journal</i>

Prefácio à segunda edição

Quando a Reformation Heritage sugeriu uma nova edição de *Em defesa da verdade: a teologia trinitária de John Owen*, fiquei ao mesmo tempo empolgado e um pouco nervoso. A ideia de revisitar um livro cerca de 25 anos depois de tê-lo escrito, quando eu estava bem no início de minha carreira acadêmica, tinha tudo para ser uma experiência incomum. No entanto, por mais incomum que fosse, não foi uma experiência incômoda, no fim das contas. Na verdade, ao consultar novamente *Em defesa da verdade*, houve momentos em que fiquei agradavelmente surpreso pelo tanto que sabia — e que depois esqueci — a respeito de John Owen. As histórias que nós, acadêmicos, costumamos contar a nós mesmos sobre como nosso conhecimento se ampliou ao longo dos anos não é totalmente precisa. Também fiquei constrangido com os sinais óbvios de minha imaturidade, refletida principalmente no prazer muito evidente com que critiquei aqueles de quem discordava. Tomando por base essas duas realidades, se fosse escrever este livro hoje, acredito que seu conteúdo seria menos erudito, e seu tom, mais cortês.

Contudo, talvez a coisa mais surpreendente desta obra seja o quanto ela reflete as mudanças pelas quais passou o mundo dos estudos acadêmicos da ortodoxia reformada nos anos que se seguiram à sua publicação. O livro foi publicado originalmente pela Paternoster, mas só depois que uma editora universitária de prestígio se recusou a fazê-lo, não por causa da capacidade duvidosa de seu autor (um raciocínio que eu teria compreendido), mas porque “John Owen foi um personagem secundário, de pouco interesse histórico ou teológico”.

É difícil imaginar alguém que diga tal coisa hoje, pois Owen deixou de ser um personagem interessante apenas para os que se dedicam à recuperação da teologia puritana, a fim de colocá-la a serviço da piedade contemporânea, tendo se tornado também motivo de grande interesse acadêmico no desenvolvimento da ortodoxia reformada do século 17. Desde que meu livro foi publicado, Owen tem sido objeto de inúmeras dissertações de doutorado, de uma importante biografia acadêmica e de várias monografias especializadas. Foi também objeto de congressos acadêmicos e tem sido o principal bastião de uma narrativa mais ampla da ascensão e queda do escolasticismo reformado na Europa nos dois séculos que se seguiram à Reforma. Owen deixou de ser periférico. Ele recebeu o

devido reconhecimento, sendo considerado o mais importante teólogo reformado do século 17.

Creio que *Em defesa da verdade* teve um papel muito importante em tudo isso. Na realidade, meu livro realizou várias coisas que levaram a discussão sobre Owen para uma direção que resultou no crescimento do interesse por ele e pelo seu pensamento, assegurando que simplesmente ignorá-lo, agora, fosse absurdo para quem entende do assunto. Situamos Owen em seu contexto histórico, evitando a tentação de que seu pensamento fosse lido em conformidade com preconceitos teóricos, sobretudo, pelos debates e políticas teológicas posteriores, como ficou evidente na ideia “Calvino contra os calvinistas” que tomou conta de alguns imaginários entre as décadas de 1960 e 1990. Com isso, este livro colocou Owen no contexto europeu e interpretou sua teologia em contraste com a teologia e a filosofia — antigas e contemporâneas, inglesas e continentais — que ele mesmo estava lendo e com as quais se empenhava em dialogar. Esta obra procurou situar uma doutrina, a da expiação, no contexto da matriz doutrinária mais ampla na qual deveria ser compreendida. Em suma, ela foi a primeira tentativa de tratar Owen de acordo com uma verdadeira história intelectual, respeitando seu contexto e permitindo que esse contexto, e não minhas predições teológicas pessoais, direcionasse a análise.

Em tudo isso, é claro, eu estava apenas aplicando a estratégia que meu amigo e mentor Richard Muller havia inaugurado, tomando por objeto o estudo da ortodoxia reformada em geral. Ele deflagrou uma revolução e mostrou ser seu paradigma mais brilhante e um estudioso muito inspirador. Fui apenas um dos que simplesmente seguiram seus passos e testaram seu método e suas teses em um puritano do século 17. Muitos outros o seguiram e, passados vinte e cinco anos, outra observação surpreendente talvez seja que nós, os rebeldes da década de 1990, somos hoje pilares do *establishment*. Será que houve algum dia uma revolução tão veloz e tão decisiva na historiografia como a protagonizada por Richard Muller e pelo falecido Willem Van Asselt, amigo saudoso e querido, em oposição ao consenso da tese “Calvino contra os calvinistas”? Esta tese, até onde enxergo, já não está de modo algum no campo de batalha.

Contudo, *Em defesa da verdade* tem suas falhas. Já aludi à maneira descontraída demais com que entrei na polêmica. Num plano mais sério, falta sutileza ao tratamento dispensado a Richard Baxter que, assim como Owen, é outro puritano oriundo do academicismo gélido dos últimos vinte e cinco anos. Minha

assertiva de que ele foi influenciado por Tommaso Campanella é muito forte. As distinções metafísicas que segui até essa fonte são genéricas demais para que permitam uma declaração tão inequívoca. Pode ser também que eu tenha ido longe demais quando disse que Thomas Goodwin defendia a justificação eterna.

Há também ausências que eu gostaria de retificar agora. A influência de Thomas Barlow, tutor de Owen, continua a ser algo que precisa ser investigado. Dediquei pouco tempo à exegese que Owen fez de Hebreus, uma ausência digna de nota numa discussão sobre a expiação. Deixei também de investigar as implicações da teologia de Owen para a sua piedade. Contudo, ao dizer essas coisas, sinto como se estivesse representando a versão de um tema comum a todo crítico literário: eu teria escrito de outro jeito. Não quero, porém, ser dramático demais. Talvez deva dizer: este não é exatamente o livro que gostaria de ter escrito hoje. Contudo, isso se deve, em grande medida, às descobertas acadêmicas de outros, as quais possivelmente não teriam ocorrido se eu não tivesse colocado Owen na pauta acadêmica.

No entanto, a despeito de todas as deficiências, creio que o livro passou na prova do tempo. Talvez não represente o que há de mais atual nos estudos de Owen ou da ortodoxia reformada, mas creio que suas principais descobertas continuam válidas. Não é obra de museu, mas abre uma perspectiva para o mundo da mentalidade reformada do século 17. Assim, fico feliz que a Reformation Heritage volte a colocá-lo à disposição de uma nova geração de estudiosos de Owen — mas, atenção: disponível “com todos os defeitos”, nas palavras de Oliver Cromwell, velho amigo de Owen.

— **Carl R. Trueman**
 Grove City College
 Janeiro de 2021

Prefácio à primeira edição

Cabem, aqui, alguns comentários preliminares ao texto principal. Em primeiro lugar, embora este livro sem dúvida possa ser compreendido em alguns círculos como uma defesa da teologia de Owen, essa interpretação, na verdade, constituiria uma leitura equivocada de meu argumento. Gostaria, inicialmente, de deixar claro que escrevo como historiador das ideias, e não como teólogo sistemático. Não estou interessado em descobrir se Owen estava certo ou errado, e sim no que ele disse, se era coerente com os critérios do seu tempo e de que modo ele se enquadrava no contexto teológico dos seus dias e da civilização ocidental, de modo geral. É claro que tenho convicções intelectuais pessoais sobre o valor teológico dos escritos de Owen; no entanto, procurei estar atento às minhas ideias teológicas para mantê-las, tanto quanto me foi humanamente possível, à parte da minha análise. Vários dos meus colegas de Nottingham, não convencidos das minhas reivindicações de objetividade, pressionaram-me a esse respeito em diversas ocasiões, o que me levou a confessar-lhes que a “questão da verdade” muitas vezes me assombra como o fantasma de Banquo no banquete de Macbeth. Se meus poderes de exorcista tiverem me abandonado em algum momento ao longo das páginas que se seguem, rogo ao leitor que seja condescendente.

Como consequência do primeiro ponto, utilizei uma terminologia, neste livro, que normalmente traz consigo certas conotações dogmáticas e valorativas, mas que empreguei de um modo cujo propósito não é o de subscrever ou criticar determinadas ideias. Por exemplo, fiz uso da palavra “heresia” e de seus cognatos sem pretender, com isso, censurar duramente posições específicas; antes, quis frisar o fato de que certas ideias estavam fora das tradições próprias dos credos e das confissões da cristandade ocidental majoritária. Também usei “ortodoxia”, com letra minúscula, para me referir a ideias que, ao longo da história, mostraram-se coerentes com a tradição católica ocidental oriunda dos credos da igreja primitiva. Já “Ortodoxia”, com inicial maiúscula, empreguei para me referir a ideias coerentes com a tradição confessional histórica das igrejas reformadas. Um revisor do meu livro anterior, *Luther's legacy* [O legado de Lutero], contestou, irritado, o uso que fiz da expressão “Igreja Católica” sempre que me referia à igreja cuja autoridade emana do papa. Ainda prefiro esse título à expressão protestante e anacrônica

“Igreja Católica Romana”, por isso a utilizei novamente neste livro, embora, por vezes, tenha recorrido a “papista”, um termo que considero deselegante. Insisto que não tive a intenção de usá-lo pejorativamente.

A parte mais prazerosa de escrever um livro é agradecer às pessoas que ajudaram a tornar seu projeto possível. Primeiro, agradeço a Pieter Kwant e à equipe da editora Paternoster pelo apoio antecipado dado ao projeto e pela atenção que lhe foi dado até a impressão. Devo também, mais uma vez, assinalar minha grande dívida com meu amigo Peter Stephens, professor de História da Igreja na Universidade de Aberdeen. Foi Peter quem primeiro me advertiu da importância de não recorrer às minhas convicções teológicas como critérios de análise histórica e que, por meio de várias ligações telefônicas e cartas, tem sido, ao longo dos anos, uma fonte de encorajamento e de aconselhamento constantes. Ele perceberá, com alguma satisfação, espero, e não com decepção, que seu pupilo rebela-se neste livro contra o mestre em várias questões de estilo e de exposição. Contudo, continua fiel a tudo o que aprendeu sobre o conteúdo metodológico da história da igreja que com ele aprendeu. Scott Clark, do Wheaton College, também foi igualmente atencioso comigo com suas críticas construtivas a várias seções do livro. Agradeço também a Paul Schaefer Jr. pelo exemplar de sua excelente tese de doutorado em filosofia pela Universidade de Oxford.

Em Nottingham, Tony Thiselton e Douglas Davies, diretores de departamento, me ajudaram e me apoiaram diversas vezes. Ed Ball me prestou um serviço absolutamente inestimável de corridas de táxi à biblioteca da Universidade de Cambridge. Seth Kunin, meu colega do “Anexo Aristotélico” do Departamento de Nottingham, me ajudou a conservar a sanidade com seu humor rabínico sarcástico e vários copos de *real ale*. Steve Griffiths, meu aluno do curso de especialização, merece ser mencionado por ser o único ser humano do Reino Unido com quem posso conversar sobre Owen sem que perceba em seu olhar uma expressão de tédio a cada trinta segundos. John Heywood Thomas também foi uma influência fundamental. Foi ele quem primeiro me chamou a atenção para a importância primordial da filosofia medieval para a teologia subsequente, tendo reservado um tempo importante para conversar comigo sobre Tomás de Aquino e discorrer acerca de algumas teorias sobre Owen.

Além dos meus colegas de Nottingham, tive a imensa felicidade de passar seis meses no Meeter Center, no Calvin College, em Grand Rapids, onde escrevi a maior parte do texto deste projeto. A equipe ali foi maravilhosa comigo, deu-me

um lar e um escritório, permitindo que eu usasse a biblioteca e o sistema de empréstimo cruzado entre bibliotecas, chegando até mesmo a pagar para que alguns materiais raros fossem microfilmados. Agradeço especialmente a Connie Bellows, diretora de recursos humanos do Calvin College, que foi para mim uma senhoria extraordinária; ao diretor do Meeter Center, Rick Gamble; ao bibliotecário do Centro, Paul Fields; e à secretária, Susan Schmurr, por toda a sua ajuda e por incontáveis gentilezas para comigo e com minha família. Além do Meeter Center, outra atração do campus do Calvin College foi a presença entusiástica de Richard Muller. Minha dívida intelectual com ele é imensa, e o tempo que passei em sua companhia e na companhia de seu aluno do curso de especialização, Raymond Blacketer, foi a um só tempo estimulante e divertido.

A pesquisa, é claro, tem um preço. Gostaria de agradecer às seguintes pessoas e instituições por seu apoio: à Universidade de Nottingham, por me conceder um semestre de licença escolar em 1996 e pela concessão da Bolsa de Pesquisa para Novos Professores, o que me facilitou o trabalho sobre Tomás de Aquino e a teologia reformada; à Mary Charles Murray, minha colega, e a Terence Wilkerson, professor de filosofia em Nottingham, por terem me abastecido com referências cruciais; à Academia Britânica para Pequenas Bolsas Pessoais de Pesquisas, que me permitiu ficar no Meeter Center; e ao Corpo Administrativo do Meeter Center, pela concessão de uma bolsa remunerada em 1996.

Gostaria também de agradecer ao dr. Alan Clifford por seu trabalho sobre Owen e pelas inúmeras vezes em que conversamos ao longo dos anos. Quando li seu livro, cinco anos atrás, percebi que mais cedo ou mais tarde teríamos de nos digladiar no papel impresso. O livro a seguir apresenta profundas divergências em relação à sua obra, mas espero que ele entenda isso como uma tentativa de crítica à sua perspectiva que, não obstante, a leva a sério.

Por fim, gostaria de agradecer às muitas pessoas de fora do mundo acadêmico que tornaram possível o meu estudo: a meus pais, por administrarem minha finanças e outras coisas na minha ausência; a Arthur Johnson, por seu constante — ainda que ligeiramente desconcertante, às vezes — apoio e encorajamento; a Neil e Bethan Parmenter, pela amizade e pela ajuda com a mudança para os Estados Unidos; a John e Pauline Horry, bons amigos, sendo que esta última instilou um pouco de “adrenalina” em nossa viagem aos Estados Unidos; à família Barham por sua ajuda com a logística do nosso retorno; a meus dois filhos, John e Peter, por me ajudarem a manter o meu trabalho na medida adequada; e

à minha esposa, Catriona, que durante os últimos três anos testemunhou meus rompantes ocasionais de ira contra Owen, contra a bolsa de estudos secundária e contra meu trabalho. Ela se dispôs também a deixar nossa casa, os amigos, e ir para o outro lado do mundo para que eu pudesse levar adiante meu projeto. Dedico a ela este livro em agradecimento por tudo aquilo de que abriu mão ao longo dos anos, no plano material e emocional, para que eu pudesse me dedicar aos meus objetivos.

— **Carl R. Trueman**
Nottingham

Owen em contexto

Sob muitos aspectos, John Owen é o homem esquecido da teologia inglesa. Ele foi capelão de Cromwell, pregador do parlamento, reitor da Universidade de Oxford, luminar dos independentes (ou congregacionais) e principal teólogo puritano. Seja qual for o critério, foi um dos homens mais influentes da sua geração. Era também imensamente culto: mesmo uma leitura superficial de suas obras revela uma mente impregnada da teologia patrística, medieval e reformada, e extraordinariamente bem versada na literatura teológica da época, fosse ela protestante, católica ou herética. Contudo, o interesse acadêmico por sua obra, já em seus dias, foi mínimo, mesmo se o compararmos com o de seu contemporâneo Richard Baxter.¹

Inúmeros motivos para essa negligência vêm imediatamente à tona, nenhum dos quais diz respeito ao mérito intrínseco da obra de Owen como um expoente da teologia inglesa do século 17 ou da Ortodoxia Reformada. O primeiro deles é o fato de que a teologia nas universidades inglesas sempre foi, até muito recentemente, monopólio de uma igreja oficial para a qual a teologia reformada simplesmente não era de grande interesse. O Grande Expurgo de 1662 removeu efetivamente da igreja e, por conseguinte, do contexto intelectual, a vasta maioria desses ministros comprometidos com uma fé reformada mais profunda. Com isso, a igreja e, como consequência, a academia, se viu entregue a um grupo cujos interesses teológicos eram, de modo geral, mais tolerantes. No século 20,

¹Há uma excelente biografia moderna sobre Owen: P. Toon, *God's statesman: the life and work of John Owen* (Exeter: Paternoster, 1971). Vale a pena também consultar: A. Thomson, "Life of Dr Owen", in *The works of John Owen* (London: Johnstone and Hunter, 1850-1855), 1:xxi-cxxii (doravante *Works*). Até recentemente, eram poucas também as obras sobre Baxter. Uma boa discussão sobre o progresso feito nos estudos de Baxter encontra-se na fascinante análise de Hans Boersma, *Hot pepper corn: Richard Baxter's doctrine of justification in its seventeenth-century context of controversy* (Zoetermeer: Boekencentrum, 1993), p. 1-24. Embora eu discorde da interpretação que Boersma faz de Owen, este livro é a contribuição mais importante ao estudo da teologia de Baxter desde a tese de doutorado (infelizmente não publicada de J. I. Packer, "The redemption and restoration of man in the thought of Richard Baxter" (Oxford University, 1954). Outras obras mais recentes sobre a vida e a contribuição cultural de Baxter: G. F. Nuttall, *Richard Baxter* (London: Nelson, 1965); e N. H. Keeble, *Richard Baxter: puritan man of letters* (Oxford: Clarendon Press, 1982).

os anglicanos não têm mais o monopólio da educação superior, mas continuam a pautar boa parte dos programas acadêmicos nos departamentos de teologia das universidades e, assim, há uma imposição de que as disciplinas reflitam seus próprios interesses eclesiásticos. Consequentemente, os puritanos, entre eles Owen, se viram negligenciados, algo inevitável dada a sua separação da igreja.²

Além dessa dimensão eclesiástica, o desprezo acadêmico por Owen também é afetado pela natureza do interesse anglo-americano pelo puritanismo. Esse interesse tende a enfatizar os aspectos sociais, políticos e, mais recentemente, os aspectos psicológicos do puritanismo, em vez de suas dimensões teológicas, conforme se vê claramente nas obras de Perry Miller, Christopher Hill, Patrick Collinson, entre outros.³ Esses estudiosos têm uma obra magistral e expandiram nosso conhecimento da tradição puritana em enorme medida; no entanto, tenderam inevitavelmente a privilegiar aspectos não teológicos. A força da tendência não teológica nos estudos puritanos fica evidente diante do fato de que a maior parte daqueles que se dedicam a estudar o puritanismo britânico e americano não o fazem nas universidades de teologia, ou nos departamentos de religião, mas sob os auspícios de outras disciplinas: Miller, por exemplo, era professor de literatura; Hill e Collinson são historiadores.

Embora os ganhos obtidos por esses estudos não teológicos do puritanismo tenham sido imensos, a falta de interesse pela dimensão teológica criou uma situação em que os estudos do século 17, se comparados com o interesse pela teologia do século 16, estão em desvantagem. Neste último campo, os últimos trinta anos testemunharam um grande volume de obras que buscaram compreender o pensamento da Reforma tomando como pano de fundo modelos

²A obra de Packer é uma exceção notável a essa tendência anglicana, mas a maior parte de suas contribuições desde sua dissertação se limitaram exclusivamente ao público eclesiástico, e não acadêmico. Veja-se, por exemplo, a coleção de ensaios *Among God's giants: the puritan vision of the Christian life* (Eastbourne: Kingsway, 1991) [publicado em português por Fiel sob o título *Entre os gigantes de Deus*].

³Veja P. Miller, *The New England mind: the seventeenth century* (Cambridge: Harvard University Press, 1939); C. Hill, *Society and puritanism in prerevolutionary England* (London: Seeker and Warburg, 1967); P. Collinson, *The Elizabethan puritan movement* (Oxford: Clarendon Press, 1967). Para artigos que tratem da forma como os estudos puritanos, particularmente os que versam sobre a Nova Inglaterra, mudaram no decorrer das últimas décadas, veja: M. McGiffert, "American puritan studies in the 1960's", *William and Mary Quarterly*, Series 3, 27 (1970): 36-67; L. B. Ricard, "New England puritan studies in the 1970's", *Fides et Historia* 15 (1983): 6-27. Para uma avaliação da contribuição de Perry Miller aos estudos puritanos, e uma crítica ao seu pouco apreço pelo papel da Bíblia e da teologia no puritanismo, veja, de George M. Mardsen, "Perry Miller's rehabilitation of the puritans," *CH* 39 (1970): 91-105. Vale a pena consultar também, nesse contexto, o ensaio bibliográfico incluído em *God's caress: the psychology of puritan religious experience* (Oxford: Oxford University Press, 1986), p. 275-89, de Charles L. Cohen.

medievais e renascentistas, e tentaram também sintetizar as dimensões intelectuais da época com base em interesses de caráter social e político.⁴ O resultado não se limitou a uma simples reformulação da história das ideias à moda antiga, mas também rendeu uma safra rica e diversificada de obras que iluminaram, em grande medida, nossa compreensão da época. De fato, graças ao trabalho pioneiro de Heiko Oberman e aos estudos de exegese produzidos por seu pupilo, David Steinmetz, e por seus alunos na Universidade Duke, ocorreu uma mudança revolucionária na maneira como se entende a teologia da Reforma.⁵ Já não é possível mais estudar o assunto como reação objetiva à Idade Média: observou-se que a relação entre o pensamento da Reforma e seus precursores é algo profundamente complexo e desafia a classificação nos termos partidários simplistas defendidos pelas gerações anteriores de estudiosos, tanto católicos quanto protestantes. Esse progresso dos estudos acadêmicos, embora empolgante, encontra poucas contrapartidas nesse campo no século 17, em parte porque não existe tradição de história intelectual, no que diz respeito ao puritanismo, que corresponda àquela sobre a qual construíram Oberman e outros, o que se deve, em parte, ao fato de que aqueles que estudam o puritanismo não têm interesse e tampouco preparo teológico para se dedicar a tal empreitada. Não pretendo com isso criticar o que foi feito — longe disso —, quero apenas explicar a razão dessa carência de estudos da teologia do século 17 e salientar que, assim como os estudos sociais e políticos não podem mais pleitear oferecer um prisma definitivo no que tange à história da Reforma, não devem também reivindicar o mesmo no tocante ao século 17.

Assim, não surpreende que Owen apareça apenas ocasionalmente na narrativa dos estudos acadêmicos sobre o puritanismo, um fato que contraria sua importância no seu tempo, tanto no plano intelectual quanto no político. No entanto, essa falta de atenção não é privilégio seu. São poucas, até hoje, as monografias já publicadas sobre pensadores puritanos de destaque, e muitos dos estudos que se debruçam sobre a teologia puritana tendem, na tradição

⁴A obra de Heiko Oberman é de particular importância nesse contexto. Veja as seguintes obras de sua autoria: *The harvest of medieval theology: Gabriel Biel and Late Medieval nominalism* (Durham: Labyrinth, 1983); e *The masters of the Reformation* (Cambridge: Cambridge University Press, 1981).

⁵Veja Heiko Oberman, *The dawn of the Reformation* (Edinburgh: T&T Clark, 1986); D. C. Steinmetz, *Luther and Staupitz: an essay in the intellectual origins of the protestant Reformation* (Durham, N.C.: Duke University Press, 1980); e S. E. Schreiner, *The theater of his glory: nature and the natural order in the thought of John Calvin* (Grand Rapids: Baker, 1995).

de Miller, a tomar como fonte principal o sermônário. Entretanto, dar toda a atenção aos sermões e fazer deles o ponto de partida para a compreensão da mente puritana não é uma boa estratégia. O sermão é onde a mente puritana toca o banco puritano e, portanto, onde a teologia e a sociedade entram, por assim dizer, em contato. Contudo, o conteúdo desses sermões era determinado em grande medida pelos imensos tomos e obras teológicas de exegese que cobriam as paredes dos gabinetes de estudos puritanos: dessas obras, muitas das quais escritas por Owen, os estudiosos praticamente nada disseram.⁶ Até que se tenha realizado um trabalho exaustivo sobre as convicções teológicas dos puritanos — de um modo semelhante ao trabalho feito com o luteranismo e com a teologia reformada do século 16 —, o tipo de obra que estudiosos como Oberman inaugurou a respeito do século 16 será simplesmente inviável no que diz respeito ao século 17.

Embora Owen tenha sido completamente esquecido pelos estudiosos, seu nome está muito vivo em determinados círculos cristãos, e isso também não contribuiu para que ele ganhasse a atenção dos estudiosos. É verdade que suas obras são muito apreciadas por alguns hoje, porém seus leitores são, em geral, bastante conservadores e até mesmo fundamentalistas, e fazem parte de grupos cristãos interessados em Owen não para compreendê-lo em seu contexto histórico, mas porque seus escritos são vistos como uma fonte importante para sua marca própria de teologia conservadora e como normativos para os dias de hoje. Essa tradição pietista aparece mais claramente simbolizada pelo fato de que suas obras continuam a ser impressas pelo Banner of Truth Trust, um grupo que se empenha de modo extraordinário para que as obras dos puritanos continuem disponíveis, mas que está igualmente comprometido com uma posição doutrinária específica que torna suspeitos — em geral injustamente —, para muitos da comunidade acadêmica, os livros que publica. Como consequência, Owen talvez seja tido por outros (isto é, pelos que ouviram falar dele) menos como um

⁶Em seu relato fascinante sobre a pregação na Nova Inglaterra, Harry S. Stout diz que o resultado mais surpreendente da sua pesquisa foi a descoberta de que o conteúdo dos sermões permaneceu notavelmente estável durante o período estudado por ele. Veja *The New England soul: preaching and religious culture in colonial New England* (Oxford: Oxford University Press, 1986), p. 6. Isso é algo que sem dúvida surpreende, na perspectiva de um historiador interessado na mudança da função social dos sermões, mas que é facilmente explicável a partir de uma perspectiva teológica, em que se pode observar o papel importante que desempenha a continuidade da estrutura teológica. Para que se possa demonstrá-lo, é preciso, naturalmente, que se estudem os sistemas e comentários teológicos por trás dos sermões; portanto, não basta simplesmente analisá-los. São poucos os trabalhos nesse campo.

pensador do século 17 e mais como um precursor obscurantista de algum tipo apavorante de fundamentalismo.⁷ Tal imagem é reforçada no momento em que uma das poucas peças importantes de erudição sobre o autor a despontar em anos recentes consiste, conforme seu propósito declarado, numa exposição dos erros de sua teologia, sendo, portanto, uma contribuição mais voltada para os debates contemporâneos no âmbito do movimento neocalvinista britânico do que para os estudos do século 17.⁸

Por fim, embora o interesse pela teologia reformada do século 17 tenha experimentado um crescimento constante nos últimos anos,⁹ dois outros fatores continuam a marginalizar Owen. Em primeiro lugar, existe uma tendência nos estudos acadêmicos de teologia na Europa continental a excluir, intencional ou involuntariamente, o puritanismo de suas discussões. De fato, se alguém folhear os livros sobre o século 17, pode-se perdoar tal pessoa por pensar que a Ortodoxia e o puritanismo são fenômenos discretos. O número reduzido de autores britânicos citados na célebre coleção Heppe é sinal dessa separação no que tange à Ortodoxia,¹⁰ ao passo que, no tocante ao puritanismo, a tradição dos estudos acadêmicos que segue as sugestões de M. M. Knappen tendeu a achar que as origens e o desenvolvimento do puritanismo se encontram nos movimentos medievais ingleses de reforma e que se trata, portanto, de um fenômeno essencialmente

⁷Apesar da abordagem facciosa dessa tradição, ela produziu diversos artigos que, por sua abordagem descritiva acrítica do pensamento de Owen, resultaram, a bem da verdade, em descrições mais historicamente precisas do que algumas das interpretações acadêmicas mais tendenciosas. Veja, por exemplo, Jack N. MacLeod, "John Owen and the death of death", in: *Out of bondage*, Proceedings of the Westminster Conference (Nottingham, 1984).

⁸A. C. Clifford, *Atonement and justification: English evangelical theology 1640-1790, an evaluation* (Oxford: Clarendon Press, 1990), esp. p. vii-ix.

⁹Há vários estudos excelentes sobre a teologia puritana. De modo geral, porém, esses estudos tendem a abordar os puritanos em seu contexto contemporâneo e pelo prisma da tradição reformada, ignorando o impacto das fontes patrísticas e medievais em seu pensamento. Veja J. S. Coolidge, *The Pauline renaissance in England* (Oxford: Clarendon Press, 1970); G. F. Nuttall, *The Holy Spirit in puritan faith and experience* (Chicago: University of Chicago Press, 1992); J. von Rohr, *The covenant of grace in puritan thought* (Atlanta: Scholars Press, 1986); e D. D. Wallace, *Puritans and predestination: grace in English protestant theology* (Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1982).

¹⁰H. Heppe, *Reformed dogmatics set out and illustrated from the sources*, tradução para o inglês de G. T. Thomson (Grand Rapids: Baker, 1978). Para outros estudos clássicos sobre a Ortodoxia Reformada que desconsideram ou atribuem pouco valor ao que se passou no mundo anglo-saxão, veja P. Althaus, *Die Prinzipien der deutschen reformierten Dogmatik im Zeitalter der aristotelischen Scholastik* (Leipzig: Deichertsche, 1914); E. Bizer, *Fruhorthodoxie und Rationalismus* (Zurich: EVZ, 1963); e H. E. Weber, *Reformation, Orthodoxy, und Rationalismus* (Gutersloh, Germany: Bertelsmann, 1951).